

TESTEMUNHO

Em 1990 era publicado o primeiro número da *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* sob a direcção de Maria Leonor Machado de Sousa, a sua mentora e fundadora. A *Revista* surgia na continuidade da criação do curso de Mestrado homónimo em 1981 inaugurado no ano seguinte. Vinda da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ingressei nesse Mestrado, um dos primeiros do país. Para mim tudo era novo e suscitava curiosidade: a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, os colegas, o programa científico centrado nos designados Estudos Anglo-Portugueses dos quais nunca ouvira falar, tanto mais que obtivera uma longa licenciatura (de cinco anos) em Filologia Germânica.

Deixar os Estudos Germânicos e começar a estudar a Aliança luso-britânica nunca havia passado pela minha cabeça, mas, incentivada por uma amiga de longa data que cursava o também recente Mestrado em História, pedi para falar com a Professora Machado de Sousa, como era conhecida. Recebida no seu gabinete com afabilidade e entusiasmo, depressa me deixei contagiar e convencer a mudar de área. E foi assim que acabei por defender uma tese sobre James Edward Alexander, viajante em Portugal durante a Guerra Civil e um homem que decisivamente contribuiria para que, a partir de Alexandria, fosse transportada para Londres a Agulha de Cleópatra, um obelisco originário de Heliópolis que Eça de Queirós e muitos outros veriam ainda em solo egípcio e sobre o qual registariam notas nos seus caderninhos de viagem, como viria a descobrir muito mais tarde.

Esse Mestrado foi uma revelação, um rito de passagem, que em muito mudaria a minha vida. Beneficiámos da energia inquebrantável da Professora Leonor, da sua crença no mérito dos Estudos Anglo-Portugueses (do qual muita gente duvidava) e iniciámos um caminho, um longo caminho que hoje continua na FCSH: *connosco*, “os meninos”, como nos chamava a Professora, e com os que se nos juntaram, alguns deles outros “meninos”, alunos nossos, hoje já espalhados por diferentes instituições.

Na época, e já contei isso anteriormente, foi com muita excitação que fomos até Londres fazer investigação para as nossas teses de mestrado. Como relato aos meus próprios alunos, não havia *internet*, nem bases

de dados, nem repositórios de teses. Na antiga biblioteca do British Museum, copiaríamos, à vez e às escondidas, capítulos inteiros de livros para a nossas bibliografias. À noite (mas só depois de arrumadas as fichas de leitura e organizado o trabalho para o dia seguinte, como exigia a Professora Leonor), jogávamos às cartas. Todo um mundo que deixa boquiabertos e incrédulos os jovens estudantes dos dias de hoje.

Muitos anos mais tarde, a biblioteca seria transferida para St. Pancras e, pasme-se, eu e o meu colega João Paulo, então em nova, dinâmica e muito entusiasmada missão investigadora em Londres, estaríamos com a Professora na inauguração, onde discursou... Cherie Blair. Foi também nesse mesmo verão que assistimos na capital britânica a uma cidade mergulhada em dor pela morte da Princesa Diana.

O presente número de homenagem coincide com a celebração dos 650 anos do Tratado de Tagilde festejado com um largo Programa comemorativo. Fui numa muito desejada peregrinação (anglo-portuguesa) a Tagilde a pensar em tudo isto e aqui deixo, na sua *Revista*, agora acompanhando os tempos também intitulada *Journal of Anglo-Portuguese Studies*, um testemunho ilustrado à memória de Maria Leonor Machado de Sousa. Pela sua energia, pela sua coragem, pela dedicação aos Estudos Anglo-Portugueses, pelo que nos ensinou, pelos caminhos que abriu, pelo sonho.

Teresa Pinto Coelho
15. 8. 2022



Reconstituição histórica da assinatura do Tratado de Tagilde no âmbito das celebrações dos 650 anos da Aliança Luso-Britânica. Tagilde, Largo da Igreja, 10 de julho de 2022. Fotos de Teresa Pinto Coelho